

## A IMPORTÂNCIA DO BRINCAR NA EDUCAÇÃO INFANTIL.

Luci Catarino<sup>1</sup>

**Resumo:** Este artigo faz uma análise reflexiva sobre a importância do brincar na educação infantil em uma turma do Pré II. Nesta análise, procura-se compreender como a criança aprende e interage com os outros. A brincadeira com atividades lúdicas é fundamental para o desenvolvimento infantil. Também ressalta-se que essa técnica pedagógica facilita o processo do aprender, tornando-o mais prazeroso e significativo. A partir desse estudo entende-se que o brincar pode ser um instrumento que facilita a capacidade de comunicação, como contribui para as relações interpessoais entre as crianças. Portanto, é de suma importância a utilização do lúdico em sala de aula, por ser considerado um método privilegiado para o desenvolvimento integral da criança.

**Palavras-chave:** Brincar. Educação infantil. Atividades lúdicas. Infância.

**Abstract:** This article makes a reflexive analysis on the importance of playing in kindergarten in a class of Pre II. In this analysis, we try to understand how the child learns and interacts with others. Play with play activities is fundamental for child development. It is also emphasized that this pedagogical technique facilitates the learning process, making it more pleasant and meaningful. From this study it is understood that play can be an instrument that facilitates communication capacity, as it contributes to interpersonal relationships among children. Therefore, it is extremely important to use play in the classroom, because it is considered a privileged method for the integral development of the child.

**Keywords:** Play. Child education. Play activities. Childhood.

**Resumen:** Este artículo hace un análisis reflexivo sobre la importancia del juego en la educación infantil en una clase del Pre II. En este análisis, se procura comprender cómo el niño aprende e interactúa con los demás. El juego con actividades lúdicas es fundamental para el desarrollo infantil. También se resalta que esta técnica pedagógica facilita el proceso del aprendizaje, haciéndolo más placentero y significativo. A partir de ese estudio se entiende que el juego puede ser un instrumento que facilita la capacidad de comunicación, como contribuye a las relaciones interpersonales entre los niños. Por lo tanto, es de suma importancia la utilización del lúdico en el aula, por ser considerado un método privilegiado para el desarrollo integral del niño.

**Palabras claves:** Jugar. Educación Infantil. Actividades lúdicas. La infancia.

---

<sup>1</sup> Luci Catarino – Mestranda em Ciências da Educação pela Facultad Interamericana de Ciencias Sociales. Pedagoga pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia/Campus Itapetinga. E-mail: catarinoluci@gmail.com

## **INTRODUÇÃO**

O presente artigo pretende oferecer alguns subsídios para reflexão sobre a importância da aprendizagem através do ato de brincar com ênfase no processo lúdico. A infância é uma etapa da vida humana que sofreu ao longo do tempo inúmeras intervenções, inclusive no próprio conceito de infância ocorreu importante evolução. O entendimento de que a infância é um conceito construído historicamente nos permite compreender o processo que os sujeitos nessa etapa são socialmente submetidos. Estudos sobre a infância nos leva a perceber que as crianças, conforme evidencia Kramer (2007, p. 17), “[...] não formam uma comunidade isolada; elas são parte do grupo e suas brincadeiras expressam esse pertencimento”.

A partir do convívio com as crianças, os professores revelam o comportamento e a forma de relacionamento entre elas e seus pais. O professor, como mediador intelectual, poderá interferir no processo de socialização das crianças, que são capazes de compreender a realidade de modo peculiar e nela inserir suas concepções, e reproduzir comportamentos, por meio de brincadeira, fala e atitude.

### **INFÂNCIAS E CRIANÇAS: HISTÓRIA E CONCEPÇÕES: panorama histórico.**

A compreensão do presente passa pela análise do passado. Nesse sentido para situar nosso objeto de estudo apresento um breve panorama histórico das sociedades para entender como surgiu o conceito de infância. Segundo Ariès (2014) na sociedade tradicional as crianças viviam “em uma situação de semissupressão”. Philippe Ariès e Jacques Le Goff discutiram a história da infância a partir da premissa de que a criança era um não valor da Idade Média. Ariès (2014) afirma em seus estudos que até o século XII não existia o sentimento de infância, crianças percebidas como inferiores na escala social. Segundo Ariès (2014, p. 17), “até por volta do século XII, a arte medieval desconhecia a infância ou não tentava representá-la”. Era difícil pensar a existência da infância na sociedade medieval. A criança era um ser misterioso sem humanidade, sem conceito social. No século XI, por exemplo, as crianças eram consideradas como adultos em miniatura. Ariès (2014, p. 17) afirma: “apenas seu tamanho os distingue dos adultos”. As crianças eram desenhadas em escala menor, com músculos e feições de adultos. Naquele período não era atribuída a mesma significação social e subjetiva a que conhecemos sobre a criança. Desse modo, os estudos de Ariès contribuíram para direcionar o entendimento do desenrolar da

“infância” na sociedade moderna. O sentimento de infância é inaugurado a partir dos séculos XVI e XVII como o surgimento da sociedade burguesa. Segundo Ariès (2014, p. 22), no século XVII “as pessoas não se podiam apegar muito a algo que era considerado uma perda eventual”. As crianças morriam em grande número e aquelas que sobreviviam confundiam-se rapidamente com os adultos. A mortalidade infantil era considerada natural e, talvez pelo grande número de mortes, acreditava-se que a criança pequena não tinha alma.

O aparecimento da escola como lugar da aprendizagem e a criação da família conjugal burguesa como lugar de afeição. Outros fatores não menos importantes podem ser citados: desenvolvimento do capitalismo, aumento da maturidade emocional dos pais. No entanto, nos séculos XVIII e XIX a infância é ressignificada, a família do século XIX organiza-se “com a criança no centro”, a criação da família conjugal burguesa como lugar da afeição nesse momento a família e a sociedade passa a reconhecer o valor da criança, seus direitos passam a ser protegidos pelo Estado. A família moderna monopoliza essa afetividade, sentimento de proteção, ao se construir a família em torno da criança isso irá refletir na organização da escola. Segundo Ariès (2014) a escolarização tem a ver com o “grande movimento de moralização dos homens, promovido pelos reformadores católicos ou protestantes ligados a igreja, as leis ou ao Estado.

O apego a infância e a sua peculiaridade não se exprimia mais através da distração, mas através do interesse e da preocupação moral. No momento em que a criança começa a ser associada à ideia de inocência, passa-se também a defender a necessidade de “protegê-la”. Segundo Ariès (2014) iniciou-se um “longo processo de enclausuramento das crianças [...], uma espécie de quarentena, ao dava-se o nome de escolarização”. Diferente das escolas medievais que não fazia referência à idade dos alunos. A preocupação com as idades é consequência da evolução da instituição escolar. Segundo Gomes (1986), as instituições para educação sistemática de crianças na Europa datam da segunda metade do século XVIII e sobretudo no século XIX. A escola infantil ou jardim de infância nasceu na Revolução industrial, atribui-se a Jean Oberlin (1740-1826), a criação da primeira instituição para a educação da infância, os chamados asilos ou escola maternal. No Brasil as instituições assistenciais pré-escolares são datadas de 1899-1922.

## **A EDUCAÇÃO INFANTIL NA LEGISLAÇÃO BRASILEIRA**

O primeiro documento oficial a reconhecer a obrigatoriedade da Educação Infantil para as crianças brasileiras foi a Constituição Federal de 1988. A educação infantil envolve

qualquer forma de educação da criança, ou seja, ela na família, comunidade, sociedade e cultura. De acordo com Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI), (BRASIL, 2001), a instituição de educação infantil é um dos espaços de inserção das crianças nas relações éticas e morais que permeiam a sociedade na qual estão inseridas. É considerada a primeira etapa da educação básica, ajudando no desenvolvimento psicológico, físico e social da criança. Conforme diz a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN), Lei 9394/96, Art. 29: a Educação Infantil é conceituada como a primeira etapa da Educação Básica (BRASIL, 1996).

Segundo o RCNEI (BRASIL, 2001, p. 11): “O desenvolvimento da identidade e da autonomia estão intimamente relacionados com os processos de socialização”. A LDBEN (Lei 9394/96), intitula a instituição de ensino infantil que atende crianças de 0 a 3 anos de idade de Creche e Pré-Escola a instituição que atende crianças de 4 a 5 anos de idade.

No art. 30. “A Educação Infantil será oferecida em: I – creches, ou entidades equivalentes, para crianças de até três anos de idade; II- pré-escolas, para as crianças de 4 (quatro) a 5 (cinco) anos de idade” (BRASIL, 1996). Um dos objetivos a serem alcançados com as crianças na educação infantil é potencializar o cuidado, ao confiar seus filhos à escola, os pais buscam a garantia do **cuidado**, As crianças são sujeitos de direito e inseridos no processo de interação com o mundo externo ao núcleo familiar é um compromisso que requer muita atenção. O processo de aprender das crianças de creche é diferenciado, pois eles estão em uma fase de desenvolvimento inicial. Nesse contexto o papel formador do profissional da educação, ou seja professor que deverá ter competência e habilidade específicas para colaborar no desenvolvimento processual das crianças dessa idade, cabe ao professor encontrar uma metodologia própria para “ensinar” essas crianças. O aprendizado nesse momento não está organizado em torno das letras mais das relações com o corpo, com o som, o espaço e com o outro. Todo processo poderá ser mais fácil se o ato de brincar for levado a “sério”, transformar-se em um ato que liga a criança ao mundo do conhecimento.

O papel do professor precisa nesse momento está bem fundamentado não apenas na prática, com suas experiências de sala de aula, mas teoricamente para que o mesmo tenha condições de fazer um portfolio geral do processo e fases que essas crianças passam a demonstrar e desenvolver na educação infantil.

Toda pratica pedagógica tem como premissa o planejamento de modo acentuado, na educação infantil o planejamento desde a entrada da criança na escola, a rotina e as brincadeiras devem compor um plano de trabalho estratégico, brincadeiras quando propostas devem antes de tudo está no planejamento e as que surgirem no decorrer das

interações devem ser observadas a partir de critérios preestabelecidos no planejamento. A escolar deve proporcionar um espaço de brincadeiras. O espaço escolar deve ser organizado, de fácil acesso e seguro. Ter salas adequadas às idades dos alunos, terem recursos pedagógicos variados..

A criança como todo ser humano, é um sujeito social e histórico e faz parte de uma organização familiar que está inserida em uma sociedade, com uma determinada cultura, em um determinado momento histórico. É profundamente marcada pelo meio social em que se desenvolve, mas também o marca. A criança tem na família, biológica ou não, um ponto de referencia fundamental, apesar da multiplicidade de interações sociais que estabelece com outras instituições sociais (BRASIL, 2001, p. 21). As crianças são sujeitos ativos e críticos, que devem ser preparadas para lidar com uma imensa quantidade de informações.

### **O BRINCAR; BRINQUEDO E O JOGAR: Panorama Histórico**

O ato de brincar confunde-se inteiramente com o “ser criança”, parece que não há distinção entre a criança e o ato de brincar. Dito isso, é necessário atenta-se para a importância histórica da brincadeira na formação das crianças. Inúmeras é a brincadeira que educa e regula os comportamentos, alguns estudos asseguram que por meio das brincadeiras as crianças racionalizam o mundo real e inclusive ao analisar dadas brincadeira é possível descobrir modos de violência naturalizados pelas crianças. Segundo Dantas (2013, p. 11), o brincar e o jogar são dois termos diferentes: “brincar é anterior a jogar, conduta social que supõe regras. Brincar é forma mais livre e individual, que designa as formas mais primitivas de exercício funcional, [...]”. Portanto, o ato de brincar revela muito mais do que simples queima de energia, ou uma satisfação infantil despreziosa, ela é pautada em hábitos cotidianos carregados de pontos de vista adquiridos no âmbito familiar ou em outros. A palavra lúdico vem de origem latina ludus que significa tanto brincar quanto jogar (JARDIM, 2003).

O brincar se confunde com o desenvolvimento das sociedades, assim como o valor e o significado de cada brincadeira. Muitos são os valores reproduzidos nas brincadeiras, no entanto, é muito recente pesquisas que abordam o brincar como o fenômeno de intervenção pedagogia, ou seja, agregador no desenvolvimento do processo escolar das crianças.

Segundo estudos da psicologia “o brincar é fonte de desenvolvimento e aprendizagem”, para Vygotsky (1998), o brincar é uma atividade humana criadora. “O brincar envolve complexos processos de articulação entre o já dado o novo”. Segundo

Vygotsky (1998), na brincadeira a criança se comporta além do comportamento habitual, como se fosse maior que a realidade. A brincadeira é um impulso para a apresentar o conhecimento para as crianças e um lugar de comunicação desse conhecimento apropriado. A brincadeira requer o aprendizado de uma forma específica de comunicação que estabelece e controla esse universo simbólico.

Os processos de desenvolvimento e de aprendizagem envolvidos no brincar são também constitutivos do processo de apropriação de conhecimentos. O brincar é um espaço de apropriação e constituição pelas crianças de conhecimentos e habilidades no âmbito da linguagem. O brincar é um espaço de apropriação e constituição pelas crianças de conhecimentos e habilidades no âmbito da cognição, brincar é um fenômeno da cultura. A brincadeira é um lugar de construção de culturas fundado nas interações sociais entre crianças é também suporte da sociabilidade.

A criança desde cedo é estimulada a brincar, inclusive é presenteada pelos adultos com instrumentos que fomenta a brincadeira. Portanto, a criança vivencia a brincadeira de corpo inteiro e, a partir dessa atividade, pode aprender muitas coisas (BRASIL, 2001). Brincando, a criança desenvolve situação de interação social, “porque, brincando, a criança desenvolve a sociabilidade, faz amigos e aprende a conviver, respeitando o direito dos outros e as normas estabelecidas pelo grupo” (CUNHA, 1994, p. 11). Proporcionar a interação significa conceituar que as diferentes formas de sentir, expressar e comunicar a realidade pelas crianças têm consequência em respostas variadas, que são trocadas entre elas e que garantem parte significativa de suas aprendizagens. A interação cria uma posição de ajuda, na qual as crianças desenvolvem seu processo de aprendizagem (BRASIL, 2001). A esse respeito, Fortuna (2011, p. 9) afirma que: “a brincadeira é tão importante para o desenvolvimento humano que até mesmo quando ocorrem brigas ela contribui para o crescimento e a aprendizagem”.

O brinquedo como objeto é sempre um auxílio para as brincadeiras, um incentivo para fazer fluir a imaginação infantil, tendo uma relação estreita com o nível de seu desenvolvimento (SANTOS, 2004). Segundo Vygotsky (2007), o brinquedo foi criado para a criança satisfazer seus desejos. Vygotsky (2007) acrescenta que no início da idade pré-escolar, quando começam a se manifestar os desejos que não podem ser satisfeitos de imediato, a criança entra em um mundo ilusório para resolver tal angústia e, esse mundo imaginário é chamado de brinquedo.

De acordo com Vygotsky, por meio do brinquedo a criança aprende a agir numa esfera cognitiva. Nessa fase da idade pré-escolar acontece uma distinção entre os campos de significado e da visão. O pensamento, que antes era determinado pelos objetos

exteriores, passa a ser regido pelas ideias. Vygotsky ressalta ainda que a criança brinca pela necessidade de atuar em relação ao mundo dos adultos e não apenas ao universo dos objetos a que ela tem acesso. Portanto, é através do brinquedo que a criança projeta-se nas atividades dos adultos, procurando ser coerente com os papéis assumidos.

“No brinquedo, a criança sempre se comporta além do comportamento habitual de sua idade, além de seu comportamento diário; no brinquedo é como se ela fosse maior do que é, na realidade” (VYGOTSKY, 2007, p. 122). Segundo o autor, para uma criança muito pequena o brinquedo é algo sério, ou seja, significa que ela brinca sem separar a situação imaginária da situação real. De acordo com tais ponderações é possível afirmar que o brinquedo é essencial para a infância, é o difusor do crescimento que dá à criança a oportunidade de explorar seu universo, possibilitando-lhe descobrir-se e entender-se, compreendendo o seu sentimento, suas ideias e a sua forma de agir. O brinquedo é influenciado pela idade, sexo, presença de amigos, além dos aspectos que estão ligados à novidade, surpresa, complexidade e variabilidade.

Portanto, no ato de brincar a criança é capaz de utilizar quaisquer objetos para brincar, reforçando que o brinca não tem relações com o objeto, que serve apenas como mediador entre a realidade e a imaginação: o valor simbólico que configura, que representa, que sugere (JARDIM, 2003, p. 36).

## **A LUDICIDADE**

A categoria do lúdico se popularizou de modo a encontrar força nos currículos, mas tal conceito é muito amplo e tem uma vertente no prazer, alcançando a imaginação das crianças de modo quase instantâneo, possibilitando alegria e satisfação, levando “a aprendizagem da criança de forma significativa” (RAU, 2012b).

Outro elemento de grande extensão no processo pedagógico com as crianças é a exploração da imaginação, como recurso pedagógico, a criança analisa os gestos e as ações das pessoas mais próximas e, posteriormente, reproduz e imita tais ações (SOUZA; MARTINS, 2005).

A socialização das crianças se dá de modo processual, inclusive quando se torna maior, avança a idade a criança passa a participar de jogos com regras. Como a grande parte dos jogos, as regras e a colaboração mútua dos jogadores é essencial e “se desenvolve através dos jogos simbólicos, ou seja, uma posição imaginária em que muitas

crianças estão incluídas e cada uma tem um papel que se liga com as outras” (SOUZA; MARTINS, 2005).

Um ambiente escolar colorido e com muitos brinquedos não garante por se o desenvolvimento da criança, a equipe pedagógica precisa conhecer os elementos que compõe a interação de modo inteligente com aquela criança, pois para Rau (2012a), “o lúdico precisa ser levado a sério no ambiente escolar, favorecendo o aprendizado por meio do jogo e da brincadeira”. Diferente da brincadeira espontânea o jogo tem a função de ensinar e, por isso, tem objetivos a atingir e nesse sentido é continuamente acompanhado pelo professor e demanda uma avaliação ao final de sua interação.

Estudiosos apontam resultados de pesquisas que comprovam a eficácia na aprendizagem das crianças através do lúdico, quando o professor elabora um planejamento orientado para o desenvolvimento dos sujeitos da educação infantil, segundo Kishimoto (2011), o jogo educativo está associado a duas funções: a lúdica que motiva pelo prazer de interagir. A função educativa é quando a ação do jogo desenvolve saberes no indivíduo. Qualquer indivíduo que esteja em um ambiente prazeroso e bem estruturado já consegue ter acesso a um patamar de possibilidades diferenciadas e esse arsenal dentro da escola só pode de fato contribuir para o desenvolvimento plenos das crianças.

A escola infantil deve estar cercada de uma estrutura física plena ao desenvolvimento das crianças, mas principalmente plena de instrumentos humanos capazes de construir estruturas formadoras para a vida, assim para Rau (2012a, p. 34): o lúdico como recurso pedagógico direcionado às áreas de desenvolvimento e aprendizagem pode ser muito significativo no sentido de encorajar as crianças a tomar consciência dos conhecimentos sociais que são desenvolvidos durante o jogo os quais podem ser usados para ajudá-las no desenvolvimento de compreensão positiva da sociedade e na aquisição de habilidades (RAU, 2012a, p. 110).

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Então as atividades lúdicas, conforme se observou por meio do levantamento bibliográfico, estão presentes na vida das crianças desde muito cedo. À medida que a criança cresce, as brincadeiras vão ganhando um aspecto mais socializador, e dessa maneira a criança aprende a lidar com os outros.

O avanço na formação dos professores colabora de modo mais enfático na construção de técnicas e regras que ajudem a uma prática escolar mais saudável ao desenvolvimento das crianças. Para Vygotsky, o brinquedo foi criado para satisfazer os desejos das crianças..

Este estudo possibilitou um aprofundamento de leituras sobre a infância, o brincar, o lúdico e outros, o lúdico na educação infantil é uma técnica pedagógica que deve ser desenvolvida com a finalidade de proporcionar um processo de ensino-aprendizagem mais prazeroso e significativo.

## REFERENCIAS

ARIÈS, P. História social da criança e da família. 2. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2014.

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação infantil (LDBEN), n. 9.394, de 20 dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, Diário Oficial, 23 dez. 1996, p. 27833.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação fundamental. Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI). Brasília: MEC/SEF, 2001, vol. 1-2.

BROUGÈRE, G. A criança e a cultura lúdica. In: KISHIMOTO, T. M. (Org.). O brincar e suas teorias. São Paulo: Cengage Learning, 2013. Cap. 1, p. 19-32.

COELHO, M. T. F.; PEDROSA, M. I. Faz de conta: construção e compartilhamento de significados. In: OLIVEIRA, Z. M. (Org.). A criança e seu desenvolvimento: perspectivas para se discutir a educação infantil. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2012. p. 56-72.

COSTA, M. M. Literatura Infantil. Curitiba: IESDE, 2006.

CUNHA, N. H. S. Brinquedoteca: um mergulho no brincar. 2. ed. São Paulo: Maltese, 1994.

DANTAS, H. Brincar e trabalhar. In: KISHIMOTO, T. M. (Org.). O brincar e suas teorias. São Paulo: Cengage Learning, 2013. Cap. 5, p. 111-122.

FERREIRA, A. B. H. Miniaurélio século XXI: O minidicionário da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Nova Fronteira 2001.

FORTUNA, T. R. O lugar do brincar na educação infantil. Revista Pátio Educação Infantil, ano IX, n. 27, p. 8-10, abr./jun. 2011.

FREIRE, J. B. Educação de corpo inteiro: teoria e prática da educação física. 5. ed. São Paulo: Scipione, 2009.

GRASSI, T. M. Oficinas psicopedagógicas. Curitiba: InterSaberes, 2013.

JARDIM, C. S. Brincar: um campo de subjetivação na infância. São Paulo: Annablume, 2003.

KISHIMOTO, T. M. Brinquedoteca: espaço do brincar estimula a criatividade e a socialização. Revista AMAE Educando, ano XXVIII, n. 250, p. 13-15, abr. 1995.

\_\_\_\_\_. Brinquedo e brincadeira: usos e significações dentro de contextos culturais. In: SANTOS, S. M. P. (Org.). Brinquedoteca: o lúdico em diferentes contextos. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2004. Cap. 2, p. 23-40.

\_\_\_\_\_. (Org.). Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação. 14. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

\_\_\_\_\_. Bruner e a brincadeira. In: KISHIMOTO, T. M. (Org.). O brincar e suas teorias. São Paulo: Cengage Learning, 2013. p. 139-151.

KRAMER, Sônia. A infância e sua singularidade. In: Ensino fundamental de nove anos: orientações para a inclusão da criança de seis anos de idade/ organização Jeanete Beauchamp, Sandra Denise Rangel, Aricélia Ribeiro do Nascimento – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2007

LIMA, B. A. S. O brincar na educação infantil: o lúdico como estratégia educativa. 2013. 76 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, 2013.

OLIVEIRA, Z. M. R. Educação Infantil: fundamentos e métodos. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

PIAGET, J. A Psicologia da Criança. 10. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

RAU, M. C. T. D. A ludicidade na educação: uma atitude pedagógica. Curitiba: Inter Saberes, 2012a.

\_\_\_\_\_. Educação infantil: práticas pedagógicas de ensino e aprendizagem. Curitiba: Inter Saberes, 2012b.

RODRIGUES, A. S.; SILVA, A. T. R.; PARIZ, J. D. B. Teorias da Aprendizagem. Curitiba: IESDE, 2003.

SANTOS, S. M. P. (Org.). Brinquedoteca: o lúdico em diferentes contextos. 9. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

SANTOS, S. M. P. (Org.). Brinquedoteca: a criança, o adulto e o lúdico. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 57-61.

SEBASTIANI, M. T. Fundamentos Teóricos e metodológicos da Educação Infantil. Curitiba: IESDE, 2003.

SOUZA, M. H.; MARTINS, M. A. M. Psicologia do Desenvolvimento. Curitiba: IESDE, 2005.

VYGOTSKY, L. S. Pensamento e linguagem. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

VYGOTSKY, L. S. Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem. 7. ed. São Paulo: Icone, 2001.

VYGOTSKY, L. S. A formação social da mente. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.